



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA (TEL)

RAFAELA CRISTINA DA SILVA
ORIENTADOR: PAWEL HEJMANOWSKI

A PARCIALIDADE NARRATIVA:
A ADÚLTERA EM A LETRA ESCARLATE E O JUDEU EM OLIVER TWIST

BRASÍLIA
2019

RESUMO

O presente artigo pretende analisar duas obras realistas do século XIX em língua inglesa, *A letra escarlata*, de Nathaniel Hawthorne e *Oliver Twist*, de Charles Dickens. Examinarei como os autores utilizam-se da História, manipulam o leitor e revelam seus próprios egos nas construções parciais das personagens marginalizadas em suas respectivas narrativas, Hester Prynne, a adúltera, e Fagin, o judeu. Ambas as personagens são arquétipos de párias sociais de seus tempos, logo discutirei a ligação entre *A letra escarlata* e a condição feminina na Boston puritana do século XVII, além da maneira como *Oliver Twist* ilustra a posição do judeu na Inglaterra vitoriana.

Palavras-chave: Literatura inglesa, Nathaniel Hawthorne, A letra escarlata, Charles Dickens, Oliver Twist.

ABSTRACT

This article intends to analyse two nineteenth century realist novels written in English: *The Scarlet Letter*, by Nathaniel Hawthorne, and *Oliver Twist*, by Charles Dickens. I shall investigate how the authors employ history, manipulate the reader and unveil their own egos through the partial construction of marginalized characters in their respective narratives: Hester Prynne, the adulteress, and Fagin, the Jew. Both characters are archetypes of social pariahs of their own times; therefore I shall discuss the connection between *The Scarlet Letter* and the female condition in puritan seventeenth century Boston and how *Oliver Twists* portrays the Jew in Victorian England.

Keywords: English literature, Nathaniel Hawthorne, The Scarlet Letter, Charles Dickens, Oliver Twist.

A Parcialidade Narrativa: A adúltera em *A letra escarlate* e o judeu em *Oliver Twist*

1 Introdução

A presente análise busca discutir duas arquetípicas minorias sociais na literatura do realismo em língua inglesa: A adúltera Hester Prynne, protagonista da *magnum opus* estadunidense de Nathaniel Hawthorne, *A letra escarlate* (1850), e o judeu Fagin, o memorável antagonista de *Oliver Twist* (1839), do inglês Charles Dickens. Destacaremos o ponto de vista do narrador onisciente presente em ambos os romances: de um lado, a simpatia por Hester Prynne e a crítica do autor à misoginia puritana no romance de Hawthorne; do outro, a antipatia por Fagin, perpetuando o sentimento antissemita que permeia o romance dickensiano, além de como os tons narrativos em cada obra condizem com o ego de seus respectivos autores.

2 O Realismo nos romances: panoramas históricos

Desde o Renascimento (c. 1300–1600), observa-se no romance uma centralidade no retrato da experiência individual em detrimento do coletivo. Ian Watt (1990), considera como ‘realismo formal’ aquele onde a ‘visão da vida’ depende da circunstância: o romance “constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história, apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias”. O ‘texto realista’, para Erich Auerbach (1976), tem como característica primordial ‘integrar’ histórias de indivíduos de diferentes classes ao longo da História. O ‘realismo moderno’, por conseguinte, configura-se como o tratamento ‘sério’ do cotidiano, onde camadas mais largas e baixas tornam-se objetos de problematização social e existencial. As obras de Hawthorne e Dickens se inserem em ambos os conceitos, como observaremos ao longo desta análise (WATT, 1990; AUERBACH, 1976, apud PELLEGRINI, 2007).

2.1. A letra escarlate: a mulher na colônia puritana de Boston

Sua sociedade [puritana] era patriarcal não só no sentido brando de homens dominando mulheres, mas também num modelo prescritivo cuidadosamente projetado historicamente específico àquela comunidade naquele século. O patriarcado fornecia uma estrutura que líderes puritanos reconheciam e reivindicavam com prazer, se visualizando como patriarcas do Antigo Testamento (tradução nossa) (WESTERKAMP, 1993).

[...] mulheres eram vistas como caracterizadas por tendências maléficas específicas, uma pressão corrupta que encontrava seu ponto final na bruxaria (tradução nossa) (WESTERKAMP, 1993).

“Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer. Não existe para isso uma punição estabelecida? Claro que sim, tanto nas Escrituras quanto nas nossas leis” (HAWTHORNE, 2011, p. 66).

A mais célebre obra de Nathaniel Hawthorne se passa numa Boston puritana do século XVII. A partir do segundo capítulo somos apresentados à protagonista do romance: Hester Prynne e sua filha Pearl são párias sociais pelo adultério cometido pela mãe. Como punição, a adúltera é obrigada a usar uma letra ‘A’ bordada em suas roupas na região do peito, i.e., *adulteress* (adúltera), verossímil às mulheres da colônia puritana da Nova Inglaterra¹. O puritanismo configurava-se como a religião dos dissidentes à Igreja da Inglaterra, os quais estabeleceram um governo teocrático na Província da Baía de Massachusetts – colônia de seu país de origem – em nome de, entre outros, sua liberdade de culto e de reformar ou separar-se da Igreja inglesa².

À época, as mulheres da comunidade colonial desempenhavam um relevante papel financeiro em seus lares³, mas não podiam participar de assembleias de cidadãos ou tomadas de decisão no âmbito da Igreja, além de serem os principais alvos de inúmeras acusações infundadas de bruxaria⁴. Para o homem puritano, a mulher era uma figura duvidosa, a filha de Eva: sedenta por poder e prazeres sexuais⁵.

A maior parte dos crimes da Nova Inglaterra colonial eram de natureza sexual⁶. Em casos de adultério – um dos crimes capitais da Província desde 1631 –, ao homem era dado o direito de divorciar-se de sua esposa, enquanto que se tivesse sido ela a vítima do adultério, o divórcio resultaria em grandes perdas financeiras e, por vezes, perda da custódia dos filhos, além de ser forçada, por vezes, a usar as letras ‘AD’ na vestimenta (apesar de denotarem o mesmo sentido, Hester Prynne usa só a letra ‘A’ no romance, como previamente mencionado). As punições para o

¹ Informação disponível em: <<http://www.ushistory.org/us/3d.asp>>. Acesso em: 14 set 2019.

² Informação disponível em: <<https://www.history.com/topics/colonial-america/puritanism>>. Acesso em: 15 set 2019.

³ Informação disponível em: <<http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/eighteen/ekeyinfo/erelwom.htm>>. Acesso em: 15 set 2019.

⁴ Segundo John Demos (1970), as supostas bruxas eram casadas ou viúvas entre 40 e 60 anos de idade e pertencentes a diferentes classes sociais, com um comportamento “depravado” ou “criminoso” em comum. A maioria se demonstrava irascível e contenciosa em suas relações interpessoais. As acusações partiam principalmente de vizinhos ou garotas jovens.

⁵ Checar nota 7.

⁶ Informação disponível em: <<http://public.gettysburg.edu/~tshannon/341/sites/Gender%20and%20Sexuality/Gender%20and%20Law.htm>>. Acesso em: 17 set 2019.

adultério podiam variar de açoitamento e pagamento de multa até a pena de morte para algumas mulheres⁷.

2.2. *Oliver Twist: os judeus no início da Era Vitoriana*

Eu acredito fortemente que o caráter odioso de Shylock⁸ pouco nos trouxe, pobres e dispersados filhos de Abraão, menos perseguição do que a própria Inquisição (tradução nossa) (CUMBERLAND, 1794, apud RAGUSSIS, 1997).

No início do século XIX, havia em torno de vinte a trinta mil judeus no país. Eram sobretudo imigrantes, em sua maioria comerciantes e artesãos de poucos recursos. Era necessário que prestassem juramentos cristãos para ocupar cargos políticos, um impedimento aos judeus que desejassem adentrar tais carreiras, além de serem impedidos de praticar a advocacia, estudar em instituições como Oxford ou Cambridge, etc.

Os anos iniciais da Era Vitoriana representaram grandes avanços à comunidade judaica, e.g., o reconhecimento de sinagogas como entidades legais em 1818, a permissão à sua naturalização sem a exigência à comunhão anglicana em 1826, a remoção da cota sobre o número de corretores judeus em 1828, a eleição do Barão Lionel Rothschild⁹ em 1830, entre outros. Todavia, ao longo do século XVIII e XIX, a judaização da Inglaterra era um receio permanente na nação, o que contrariava a identidade nacional baseada na liberdade política e tolerância religiosa (ROBERTS, 2007; RAGUSSIS, 1997). Numa resenha acerca do antissemitismo velado da Inglaterra vitoriana, Ragussis afirma que basta apenas atentar-se para periódicos da época como demonstrações do sentimento geral do cidadão inglês do início do século XIX para com a comunidade judaica:

[...] em artigos sobre se devemos ou não simpatizar com Shylock, com anedotas escatológicas maldosas sobre um judeu sufocando numa latrina, em poemas em que um monge católico se oferece a resgatar um judeu se ele se converter, [...] e em contínuos debates entre escritores se os judeus mereceram ou não as perseguições ocorridas contra eles (tradução nossa) (RAGUSSIS, 1997).

⁷ Checar nota 12.

⁸ Estereotipicamente judeu, o agiota Shylock é o antagonista da peça *O mercador de Veneza* (c. 1596–99), de William Shakespeare.

⁹ Lionel Rothschild foi o primeiro judeu a ser eleito como membro do parlamento britânico, mas foi barrado pela prova religiosa do juramento parlamentar – que veio a ser retirada em 1858, quando Rothschild enfim integrou-se à Câmara dos Comuns.

3 A marginalização personificada

O tópico terceiro deste trabalho propõe-se a apresentar momentos das narrativas que demonstram a visão das sociedades retratadas e quem nossos anti-heróis foram nelas e apesar delas, além de suas transformações intra ou interpessoais.

3.1 *Hester Prynne, a adúltera*

É a partir do terceiro capítulo de *A letra escarlate*, ‘Um rosto conhecido’, que conhecemos a sentença, o crime da condenada e o marido traído – Roger Chillingworth –, por meio de um diálogo entre Chillingworth (recém chegado a Boston) e um cidadão comum. O diálogo se passa no momento da exposição pública à qual Hester é condenada. Perguntado, o cidadão revela que com “grande misericórdia e ternura de coração” por parte de seus juízes, Hester é livrada da pena de morte e, ao invés, é condenada a usar uma letra escarlate enquanto viver – “um emblema da vergonha sobre o peito” – e ser exposta, segurando a filha Pearl – “o fruto do pecado” –, à comunidade pela duração de três horas ao lado de um cadafalso – “o local das punições”, como diz o cidadão. Sem nunca revelar sua própria, Chillingworth então o questiona a respeito da identidade e razão da exposição da criminosa à qual assistem. O perguntado toma-o como um “forasteiro na região”, uma vez que toda Boston estava ciente do escândalo. Em seguida, ele relata seu crime:

[...] foi casada com um douto sujeito [...] que há muito andava por Amsterdam, de onde, muito tempo atrás, pretendeu partir para se instalar entre nós, em Massachusetts. Com esse propósito, enviou a mulher na frente, ficando por lá porque precisava, antes de vir, resolver algumas questões. Pasma, meu caro senhor, que dois anos se passaram, pouco menos, a mulher já estabelecida em Boston e nenhuma notícia de seu douto marido; a jovem esposa, vê, largada à própria sorte... (HAWTHORNE, 2011, p. 76).

Chillingworth prossegue com os questionamentos, desta vez a respeito da identidade do pai do bebê que Hester carrega no colo. O cidadão responde que permanece um mistério, que Hester se recusa terminantemente a revelar. Logo depois, o mesmo afirma que o marido da condenada encontra-se “provavelmente no fundo do mar”, informando ao leitor quanto à natureza contestável do suposto crime, visto que o marido era tido como morto há pouco menos de dois anos quando se deu o adultério.

Consciente da exposição a toda Boston, mas também surpreendida pela aparição do marido, o narrador evidencia muito da personalidade de Hester diante do show de horrores no qual ela mesma é a protagonista:

A infeliz condenada mantinha-se no limite da contenção possível a qualquer mulher que se encontrasse sob o peso implacável de mil olhos, todos pregados nela e fixos ao que trazia no peito. Algo quase intolerável de ser suportado (HAWTHORNE, 2011, p. 71).

Prynne é descrita como uma mulher de natureza “impulsiva e apaixonada”. Porém, mesmo diante de milhares de olhares julgadores e de uma necessidade de “gritar com toda a força e jogar-se de cima daquele cadafalso”, mantém-se com um “ar de desgastada indiferença”, posto que não era de seu temperamento “escapar de sofrimentos muito intensos com um desmaio”. Somente quando de volta à prisão, terminada a exposição, foi que a mulher permitiu-se manifestar suas emoções nervosas.

Hester não era obrigada a permanecer na colônia de sua vergonha, contudo, “seu pecado, sua ignomínia, eram as raízes que a prendiam àquele solo”, além de ser também a morada de seu incógnito parceiro no crime: Arthur Dimmesdale, o mesmo reverendo que amenizou e participou de sua condenação. Hester acreditava que era ali, tendo em seus bordados a provisão para si e para a filha, onde deveria receber calada as punições e humilhações diárias que então purgariam sua alma, além de ter em seu caráter caridoso para com os pobres mais uma forma de penitência.

Quando em meio a estranhos, sua letra escarlate era um alvo certo de olhares, todavia mesmo com grande dificuldade, a mulher se impedia de cobrir o símbolo com a mão. No capítulo oitavo, ‘A menina-fada e o pastor’, mãe e filha encontram-se com o governador Bellingham, para discutir sua potencial perda da guarda da filha Pearl. Aumentando o tom de voz, Hester nega-se veementemente a ceder (“Não a entregarei!”; “Nota! Não perderei a criança! Nota isso!”) e finalmente logra em manter a filha consigo, auxiliada por Dimmesdale.

O capítulo XIII, ‘Outra visão de Hester’, apresenta-se enfim com uma nova perspectiva da comunidade quanto à imagem da adúltera. Prynne torna-se a personificação de caridade e benevolência, solicitada por aqueles em necessidade de compreensão e empatia:

Seu busto, com aquele emblema da vergonha, era o mais macio dos travesseiros para quem dele precisasse. Tanta solicitude podia-se ter dela (...) que muitas pessoas se recusavam a tomar aquele A escarlate por seu significado original. Diziam que significava “abençoada”, tão forte era Hester Prynne com sua disposição de mulher (HAWTHORNE, 2011, p. 179-180).

Contrariamente à Hester, Dimmesdale e seu lugar no adultério permanecem em segredo após sete anos, deteriorando a mente do jovem pastor, que encontra-se no limite da sanidade. Esperançosa, Hester incentiva-o a ignorar seus erros passados e “começar tudo de novo”, pois “o

futuro permanece prenhe de experiências e sucesso”, trocando sua “falsa vida por uma de verdade”, além de propor-se a acompanhá-lo em “aventuras pelo mundo vasto”.

No penúltimo capítulo, ‘A revelação da letra escarlate’, ao lado de Hester e Pearl, Dimmesdale enfim revela seu crime à comunidade. A sugestão trazida por Hester de uma vida nova nunca se concretiza, pois Dimmesdale morre logo após sua confissão. Ao final da narrativa, vemos uma Hester em idade avançada, na qual a penitência da adúltera parece ter de fato chegado ao seu fim:

(...) a letra escarlate deixou de ser um estigma que atraísse desprezo e amargura, tornando-se alvo de uma espécie de pesar e de olhares de espanto e até mesmo de reverência (...), as pessoas levavam até ela todas as suas dores e perplexidades, buscando aconselhamento com alguém que passara por uma provação muito poderosa (HAWTHORNE, 2011, p. 288).

3.2 *Fagin, o judeu*

Não sabemos muito sobre Fagin como sabemos sobre Prynne, visto que ao contrário de Hester, Fagin não é o protagonista em *Oliver Twist* (como sugere o título, o próprio órfão Oliver Twist o é). Tanto Oliver quanto o próprio leitor são apresentados a Fagin no capítulo XVIII: ‘Oliver caminha até Londres e encontra na estrada uma estranha espécie de jovem cavalheiro’. Em sua longa caminhada até Londres, Oliver conhece um curioso rapaz. O ‘Raposa Manhosa’ tem quase sua idade e o acompanhará até Londres: “um fedelho tão sujo como se poderia desejar ver; mas tinha todos os ares e maneiras de um homem”, além de suas vestimentas, igualmente contraditórias à sua idade. Inquirindo ao jovem órfão se ele precisava de um lugar para dormir na capital, Oliver assente e o Raposa observa:

(...) conheço um cavalheiro velho e respeitável, que vive lá, o qual te dará alojamento por nada, e sem te pedir nunca o troco (DICKENS, 1973, p. 70).

Mesmo com certo receio, Oliver acaba por aceitar a oferta tentadora do rapaz. Os arredores de sua nova morada eram extremamente precários, de onde emergiam “indivíduos de mau aspecto (...) para executarem, segundo todas as aparências, qualquer trabalho que não era, certamente, inofensivo”, em que o único negócio que parecia prosperar eram as tavernas, onde “as mais baixas categorias de irlandeses altercavam umas com as outras.” Oliver é então apresentado a seu novo ‘acolhedor patrão’ Fagin, descrito como “um judeu muito velho e enrugado, cujo olhar de vilão e

cara repulsiva eram sombreados pelo seu cabelo emaranhado”. Fagin logo afirma seu desejo de que sejam bons amigos, mas Oliver em breve virá a descobrir que Fagin, primeiramente disfarçando como uma ‘brincadeira’, está determinado a transformá-lo num jovem punhuista, como todos os outros jovens que com ele habitam.

Logo no nono capítulo, ‘Contém mais pormenores referentes ao amável cavalheiro velho e aos seus esperançosos discípulos’, conhecemos mais sobre o caráter de Fagin. Recém acordado numa manhã, Oliver, fingindo que ainda dormia, observava ‘o judeu’. Agora com a porta fechada, o homem tirou de um alçapão do soalho uma pequena caixa em que escondia diversas preciosidades. Sacando um relógio de ouro apenas para contemplá-lo, falou a si mesmo sobre a lealdade de seus jovens “discípulos”, mesmo sob a pena de morte:

Cães finos! Cães finos! Firmes até a última! Nunca disseram ao velho sacerdote onde estavam os objetos. Nunca denunciaram o velho Fagin! E por que o haviam de fazer? Isso não desprenderia o nó nem adiaría a descida da trapeira, um minuto mais. Não, não, não! Bons camaradas! (DICKENS, 1973, p. 76).

Sem demora adiciona ainda:

Que bela coisa é a pena capital! Os mortos nunca se arrependem; os mortos nunca trazem à luz histórias comprometedoras. Ah, é uma boa coisa para o negócio! Cinco deles estrangulados numa fila, sem ficar nenhum para exigir a sua parte ou se tornar agressivo! (DICKENS, 1973, p. 76).

Enfim percebendo que estava sendo observado por Oliver e com as mãos tremendo, Fagin pega uma faca de cozinha e o ameaça, perguntando se ele estava acordado há uma hora. Oliver nega duas vezes e o homem se acalma, afirmando que aquelas jóias eram sua “pequena propriedade”, além de reconhecer a si próprio como “miseró”.

É somente nas últimas páginas da narrativa, no capítulo L, ‘A perseguição e fuga’, que o leitor toma consciência da opinião geral daquela sociedade quanto ao ‘judeu’. Na ocasião, comparsas de Fagin discutem sua prisão, ocorrida às duas horas daquela tarde. Horrorizado com a memória, o Sr. Chitling brevemente descreve a desordem enquanto policiais tentavam prendê-lo, em meio a uma multidão barulhenta e sedenta pela desgraça do criminoso:

(...) os policiais lutavam como diabos, para que não lhes tirassem o preso. (...) Fagin olhava em torno dele e se agarrava aos agentes como se fossem os seus mais caros amigos. (...) ainda parece que estou a ver as pessoas do povo a pularem umas detrás das outras e rangerem os dentes prestes a lançarem-se sobre ele; vejo ainda o sangue a escorrer-lhe do cabelo e da barba e ouço os gritos com que as mulheres se esforçavam por penetrar no centro da aglomeração, à

esquina da rua, a jurar que lhe arrancavam o coração! (DICKENS, 1973, p. 440).

O capítulo LII marca a última aparição de Fagin na história, como sugere o próprio título: ‘A última noite de vida do Sr. Fagin’. O tribunal se encontrava lotado de “olhos reluzentes”, alguns sussurravam entre si com ar de desprezo, alguns impacientemente fitavam o júri, mas nenhum olhar demonstrava qualquer simpatia pelo acusado. Em vão, Fagin olhava para os jurados e para seu advogado esperando que dissessem algo em sua defesa. Estava sempre imóvel e atento. Com rostos indecifráveis, “como se fossem de pedra”, os jurados então declaram “culpado!”, causando gritos e clamores de alegria tanto dos de dentro quanto dos de fora do tribunal. Perguntado duas vezes se ele tinha alguma contestação a fazer, enfim murmurou que era apenas um “pobre velho”. Obediente, foi conduzido à sua cela escura. Lá lembrou-se de seus conhecidos que morreram no cadafalso e naqueles que morreram “com orações nos lábios”, de quem havia caçoado; também bateu inúmeras vezes contra a porta e a parede, mas principalmente pensou e se desesperou por sua morte, sem dormir. Aproximando-se da condenação, grupos ansiosos apresentavam-se na prisão para confirmar quando se daria o grande evento.

Em seu último dia vivo, o Sr. Brownlow (um dos benfeitores do órfão) e Oliver o fazem uma visita. Antes de percebê-los, Fagin falava consigo mesmo e “errava pela sua vida passada”:

“Muito bem, Charley, belo trabalho”, murmurou ele. “Bravo, Oliver, ah, ah, ah! Estás agora um fidalgo, um fidalgo. Levem o rapaz para a cama!” (DICKENS, 1973, p. 469).

O carcereiro chama a atenção do prisioneiro pela chegada dos visitantes, que retruca afirmando que era um “desgraçado velho”. Em seguida, o carcereiro o pergunta se era ou não um homem, ao que o prisioneiro responde, com raiva e terror, que “não será por muito tempo” e pergunta que direito têm de mandarem-no para o matadouro. Fagin então nota a presença dos visitantes e é questionado onde ele havia escondido o testamento deixado pelo pai de Oliver, o que ele nega saber, mas eventualmente revela. Observando o estado o homem, Oliver pede permissão para fazê-lo uma oração, mas é enxotado por Fagin, que logo em seguida implora que Oliver ajude-o a escapar dali. Uma vez que já tinham sua resposta, o Sr. Brownlow e Oliver, este aterrorizado e a ponto de desmaiar, partem. É chegado o final do capítulo, em que o enforcamento público de Fagin não é narrado, restando ao leitor apenas imaginá-lo.

4 A parcialidade narrativa

Um artista é geralmente um mentiroso maldito, mas sua arte, se for arte, te dirá a verdade do seu tempo e isso é tudo o que importa.

D. H. Lawrence (1923) (tradução nossa)

Num polêmico ensaio de 1967, o estruturalista francês Roland Barthes sustenta a ideia da ‘morte do autor’ – tal qual o título – e o nascimento do leitor, pondo em xeque a prática moderna da centralidade concedida ao primeiro. A perspectiva barthiana defende uma abordagem independente, onde a personalidade, biografia e intenções do autor são descartadas para resgatar o leitor como o real construtor do sentido de um texto. Barthes enxerga uma obra literária como um produto de todas as suas precedentes, onde não há lugar para uma suposta originalidade: como um trabalho constituído por diversas cópias prévias que por conseguinte formam um ‘novo’, mas não original. Portanto, uma obra pouco se assemelharia ao ego de seu autor (BARTHES, 2004). Todavia, nesta seção pretendo opor-me a Barthes e ressuscitar a voz autoral de duas grandes obras e seus respectivos autores, tomando a representação de Hester Prynne e Fagin como manifestações autobiográficas em congruência com a pessoa de seus respectivos criadores, Nathaniel Hawthorne e Charles Dickens.

4.1 Hawthorne e Hester

Um jovem recluso, de poucos amigos e à procura de temas para suas histórias, Hawthorne era um ávido leitor do passado puritano da Nova Inglaterra. A partir das leituras, descobriu dois ancestrais que muito o assombrariam ao longo da vida: seu tetravô William Hathorne (c. 1607-81), descrito pelo próprio Hawthorne como um “perseguidor cruel” dos Quakers e o filho, e seu trisavô John Hathorne (c. 1641-1717), magistrado no julgamento das bruxas na Salém de 1692. Diante dos fatos, o jovem opta por mudar a grafia do último sobrenome, adicionando um ‘W’, provavelmente como forma de desassociar-se de seus impiedosos ancestrais. Em julho de 1849, a mãe do escritor morre, apenas um mês após ser demitido de seu cargo como inspetor da alfândega de Salém (BAYM, 1983; CONNOLLY, 1970; GOLLIN, 2000). Em meio a tamanha angústia, é iniciada a escrita de *A letra escarlata* em setembro do mesmo ano.

O romance é introduzido pelo conto *A alfândega*, que explica a ‘gênese’ da personagem Hester Prynne e muito se assemelha à realidade de Hawthorne à época da escrita, mesclando fatos com ficção. Examinando documentos na alfândega certo dia, o autor se depara com um retalho de

tecido escarlate em formato da letra ‘A’, o qual acompanhava um rolo de papel detalhando a vida de uma certa *Hester Prynne*, daí a temática de *A letra escarlate*.

Hester Prynne pode ser vista como uma releitura de Elizabeth Clarke Manning, a então falecida mãe do escritor: mãe de três filhos, viúva¹⁰ e rejeitada pela família do marido devido à sua origem modesta. Além da mãe Elizabeth, acredita-se também que outro modelo para Hester possa ter sido a feminista Margaret Fuller, pertencente ao seu círculo social transcendentalista (BAYM, 1983; 2004). Outra possibilidade encontra-se na puritana Ann Hutchinson¹¹, tão subversiva ao seu contexto social quanto Hester: no capítulo I, ‘A porta da prisão’, o narrador descreve os sombrios arredores da prisão onde ela se situa. Cercada por um gramado descuidado com ervas daninhas, havia uma roseira selvagem, “prova de que, no fundo de seu âmago, a natureza era capaz de conceder misericórdia e bondade”. Em seguida, o narrador explica que a roseira tem sobrevivido ao longo da história e considera que pode ter florescido sob os passos da “santa Ann Hutchinson”.

Para Baym (1983), Hawthorne criou a primeira, senão a maior heroína da literatura americana, uma personagem que acreditava que uma “nova verdade seria revelada, de modo a estabelecer toda a relação entre homem e mulher num patamar mais afeito à felicidade mútua”. Muito discrepantes à personalidade da condenada, Hawthorne enfatiza a severidade e crueldade dos puritanos do começo ao fim do romance:

[...] uma gente para a qual religião e lei eram quase a mesma coisa, [...] que o mais leve e o mais severo castigo público fossem tornados igualmente respeitáveis e terríveis. Escassa e fria era a condescendência que um condenado naquele limiar poderia esperar da plateia. [...] uma pena que hoje resultaria em infâmia debochada e ridículo naquele tempo talvez se investisse de uma dignidade tão austera quanto a da própria sentença de morte (HAWTHORNE, 2011, p. 64).

No momento da exposição de Hester, Hawthorne retrata uma sociedade em que seus juízes são ditos “piedosos” ao condenarem a adúltera – descrita por uma entre um grupo de matronas como uma “prostituta sem-vergonha” – a nada mais que uma exposição pública:

“Os juízes são homens tementes a Deus, mas piedosos demais – essa é a verdade”, acrescentou uma terceira matrona. “O mínimo que deveriam ter feito era condenar Hester Prynne a ser marcada a ferro na testa” (HAWTHORNE, 2011, p. 65).

¹⁰ O pai de Nathaniel Hawthorne (de mesmo nome, exceto pelo ‘W’) faleceu em 1808.

¹¹ Ann Hutchinson (1591-1643) foi uma dissidente da Igreja da Inglaterra que fugiu para o Novo Mundo com o marido em para praticar suas crenças livremente. Todavia, em 1638, a mulher foi excomungada da Igreja de Boston por suas interpretações não-ortodoxas da Bíblia (BIOGRAPHY.COM EDITORS, 2014).

O narrador, por sua vez, compara a imagem de Prynne segurando a filha no colo com uma pintura da Madona, “uma imagem que lembraria [...] a sagrada representação da maternidade imaculada, cujo filho vem para redimir o mundo”, em enorme contraste com a imagem que descreveu daquela perversa sociedade puritana. Apesar de tamanho desprezo demonstrado pela cidade que assistia sua condenação, Hester conteve seu desejo de desabar em lágrimas e gritar, permanecendo com um “ar de desgastada indiferença”, de forma a demonstrar que não poderia se deixar abalar por quem tanto a queria mal.

Imagem 1 – *The Scarlet Letter* (1861), de Hugues Merle



Hawthorne considerava a pintura acima como a melhor representação do romance. Ela muito se alinha com a própria descrição do narrador de Hester segurando Pearl como semelhante à de Madona com seu filho (THE WALTERS ART MUSEUM).

Fonte: <<https://art.thewalters.org/detail/25737>>. Acesso em: 11 nov 2019.

Outra evidência da parcialidade de Hawthorne para com Hester está na motivação de seu crime. Hester não se casou com Chillingworth – por sua vez descrito como fisicamente deformado – de bom grado: “sabes que fui honesta contigo. Não te amava e não fingi”, além de que não só Hester, mas toda Boston acreditava que o marido estivesse morto quando se deu a traição. Não

obstante, não é Hester que está determinada a fazer Arthur Dimmesdale, pai de Pearl e seu parceiro na traição, confessar seu crimes, mas Chillingworth, o antagonista no romance.

Por todo o percurso da narrativa, percebe-se o desequilíbrio entre a personalidade resiliente de Hester, a pária social, e a de Dimmesdale, o ídolo da comunidade. Perguntado pela filha Pearl quando ele ficaria exposto ao lado do cadafalso com Hester e ela, como para expor à cidade sua parte da culpa, Dimmesdale responde: “No dia do grande juízo [...] à luz do dia e neste mundo, porém, ninguém há de presenciar nosso encontro!”. Não apenas o narrador retrata Dimmesdale como uma figura hipócrita e fraca, mas o próprio se reconhece como tal, de forma que até considera Hester “feliz” por exibir a letra escarlate:

[...] já deveria há muito ter atirado fora a zombaria que se tornaram estas vestes sagradas e me apresentado à humanidade como serei visto no banco dos réus. Feliz és tu, Hester, que exhibe a letra escarlate abertamente no peito! (HAWTHORNE, 2011, p. 214).

Hester sugere mesmo que fujam da colônia, porém o clérigo se diz “sem forças para partir”. Em vão, a moça insiste que ainda há esperanças: “Começa tudo de novo! Estaria tal possibilidade eliminada pelo fracasso de uma tentativa? Não! O futuro permanece prenhe de experiências e sucesso!”, e logo descreve a presente situação de Dimmesdale como uma “falsa vida”. A incapacidade de Dimmesdale de confessar reforça a força interna de Hester e sua esperança no esquecimento de seu crime ou mesmo a ressignificação deles, a serem narrados por Hawthorne ao final da narrativa.

Contra todas as expectativas, Hester recupera sua dignidade na comunidade, porém Dimmesdale não sobrevive ao remorso por seu passado. Apenas no penúltimo capítulo é que Dimmesdale enfim reúne forças para se mostrar diante de Boston e do cadafalso ao lado de Hester e Pearl, numa confissão que custa-lhe a vida imediatamente depois. Quanto à Hester, uma das últimas notícias que o leitor tem da mulher – desde o capítulo XIII, considerada mais “abençoada” que “adúltera”¹² –, é que esta tornou-se uma espécie de ‘conselheira’ numa comunidade que anos atrás lhe havia desejado sua desgraça:

E, como Hester Prynne não tivesse objetivos egoístas, tampouco vivesse para benefícios próprios, as pessoas levavam até ela todas as suas dores e perplexidades, buscando aconselhamento com alguém que passara por uma provação muito poderosa (HAWTHORNE, 2011, p. 288).

¹² “Tanta solicitude podia-se ter dela – tais eram sua vontade de realizar e seu poder de gerar empatia – que muitas pessoas se recusavam a tomar aquele A escarlate por seu significado original. Diziam que significava “abençoada”, tão forte era Hester Prynne com sua disposição de mulher” (HAWTHORNE, 2011, p. 180).

4.2. Dickens e Fagin

O real modelo para Fagin foi o criminoso inglês de origem judaica Ikey Solomon (1787?-1850), um receptador de propriedades roubadas (LANE, 1958, p. 95). Quanto ao nome, como dito pelo próprio, Dickens “tomou a liberdade” de usar o de seu companheiro na fábrica de graxa Warren’s, onde trabalhou quando jovem. Conforme ao Fagin de *Oliver Twist*, Bob Fagin foi quem tentou acostumar Dickens ao seu novo contexto na fábrica, como o Fagin fictício quando Oliver é levado à sua nova morada na periferia de Londres (GILL, 1999). Curiosamente, Bob Fagin pouco se assemelha ao vilão criado pelo escritor, mas sua benevolência e acolhimento para com Dickens poderiam levá-lo a se acomodar a um modo de vida precário do qual ele tentou escapar pelo resto da vida (ACKROYD, 1991, apud GOLD, 2009).

Com judeus, não se aplicam as caracterizações direcionadas a Dickens como um defensor dos mal-afortunados. Antes de *Oliver Twist*, Dickens já havia retratado judeus de forma pejorativa e estereotípica. Em *Sketches by Boz* (1836-7), Sr. Nathan, um comerciante de roupas, é descrito como “um judeu de cabelos e bigode vermelho” (tradução nossa); um escritório de ônibus “continha a multidão habitual de judeus e pessoas genéricas” (tradução nossa); a rua Holywell era “desprezada” devido aos judeus de “cabelos e bigode vermelhos” que “te arrastam para as casas esqueléticas deles e te colocam em uma roupa, quer queira ou não” (tradução nossa). Em *As aventuras do Sr. Pickwick* (1836), quando chovia, “os judeus, desesperados, fechavam as cinquenta lâminas dos seus canivetes”; Salomão Lucas “o judeu da rua principal”, vendia “milhares de fantasias”; etc (BLOOM, 2016; LANE, 1958).

Por vezes referenciado como *merry old gentleman*¹³ pelo narrador, Fagin é considerado um dos mais horripilantes e malignos personagens da literatura ocidental e um dos maiores estereótipos antijudaicos do século XIX (GELBER, 1979, p. 2; LEVY, 2005, p. 176). Na versão original em língua inglesa, o narrador não só aponta que Fagin era “velho”, “enrugado” e com um “olhar de vilão”, mas também seu cabelo ruivo¹⁴ e sua “roupa de flanela engordurada” no momento em que é introduzido a Oliver e ao leitor. A caracterização de Fagin remete aos personagens judeus do palco inglês e na visão medieval do judeu – onde eram tidos como inerentemente malignos e imundos –, com os cabelos ruivos, i.e., uma associação ao demônio; roupa engordurada, i.e., demonstrando pouca higiene; o nariz longo e pontiagudo nas ilustrações de George Cruikshank¹⁵ e o garfo que segurava para cozinhar salsichas, i.e., como uma imagem do demônio com um tridente, muito

¹³ Um antigo eufemismo para o demônio (WALSH, 2005). Traduzido por Antônio Ruas como *alegre cavalheiro velho*.

¹⁴ Um detalhe importante para a presente discussão, embora não mencionado na tradução de 1973 de Antônio Ruas.

¹⁵ Suas ilustrações acompanham o texto de *Oliver Twist*.

presente no imaginário coletivo, no momento de sua primeira aparição na narrativa (LEVY, 2005, p. 176):

Imagem 2 – *Oliver introduced to the respectable Old Gentleman* (1837), de George Cruikshank



Fonte: <<http://www.victorianweb.org/art/illustration/cruikshank/ot5.html>>. Acesso em: 11 nov 2019.

Em *London Labour and the London Poor* (1861-62), Henry Mayhew indica traços em comum a todos os judeus: “um amor por dinheiro que supera o de qualquer outro povo na Inglaterra” (tradução nossa). Para além dessa comum caracterização de judeus, Mayhew explica as ansiedades e medos vitorianos quanto à sujeira e contaminações e os grupos geralmente associados a elas, como: marinheiros, que cheiravam a bebida, tabaco, alho, suor e alcatrão; prostitutas, que

espalhavam doenças venéreas; e judeus. Em *The Foul and the Fragrant* (1982), Alan Corbin afirma: “judeus também eram considerados indivíduos imundos. Era dito que seu odor desagradável partia de sua sujeira característica” (tradução nossa). Juliet Steyn cita que tal conexão de judeus com um odor específico – chamado *foetor Judaicus* – deriva do antissemitismo medieval (MAYHEW, 1861-62; CORBIN, 1982, apud NORD, 2011). Fagin personifica o pior de sua raça, um tipo que, como dito pelo personagem Sikes, engole moedas para escondê-las de seus parceiros, presumivelmente procurando por elas depois em seu excremento (MEYER, 2005). No seguinte fragmento, observa-se o alinhamento de Dickens com tais concepções antissemitas do Medieval e da Era Vitoriana:

A lama cobria as pedras e, sobre as ruas, pairava uma névoa escura, a chuva tombava lentamente e tudo que se tocava estava frio e pegajoso. A noite parecia própria para que uma pessoa como o judeu andasse fora de casa. Ao avançar furtivamente, dissimulando-se sob as sombras das paredes e dos portais, esse hediondo velho assemelhava-se a um réptil repugnante, engendrado no lodo e na escuridão, através dos quais se movia a arrastar-se de noite em busca de alguma carne podre com que se nutrisse (DICKENS, 1973, cap. XIX, p. 161).

O epíteto de Fagin, ‘o judeu’, é usado vinte e nove vezes apenas no capítulo em que o leitor é apresentado a ele e outras inúmeras vezes ao longo da história, de forma a enfatizar sua raça ao leitor. Os capítulos onde há interação entre Oliver e Fagin são os quais o epíteto mais aparece e o fato de que são diversas as vezes em que o ponto de vista do narrador se torna o mesmo de Oliver são evidências do desejo narrativo de trazer ao leitor sua repugnância pelo ‘judeu’ e os males que acompanham sua raça. Pode-se perceber precisamente o antissemitismo de Oliver no início do capítulo XXXV, quando percebe que Monks e Fagin o espionavam e grita “O judeu! O judeu!”. Pouco antes, Oliver tirava um cochilo em meio a seus livros, até que de repente “o ar tornou-se denso e abafado; e ele julgou, com uma sensação de terror, que se achava outra vez na casa do judeu”. A conversa entre os dois homens à espreita o desperta e num momento em que pesadelo e realidade se encontram, Oliver identifica que Fagin e Monks o observavam pela janela. Nesse momento, Fagin, o perseguidor de seus sonhos, toma uma característica sobrenatural, demoníaca: primeiramente, Oliver tem um pesadelo que se passa na casa de Fagin, segundos depois, Fagin se materializa na janela de seu quarto. Assim, leitor não consegue determinar onde termina o pesadelo e começa o real e vice-versa (LANE, 1958).

Os estereótipos judaicos usados por Dickens pretendiam ressuscitar o ‘judeu maléfico’ do Medievo para aterrorizar o leitor e a perspectiva vitoriana do judeu para alinhar-se à sua própria perspectiva; nas quais não precisamente a religião judaica era o alvo, mas a raça. Em 1860, um casal judeu, J. P. e Eliza Davis, compraram a casa do escritor em Londres. Ao seu secretário, Dickens se refere a J. P. Davis como “o agiota judeu” e diz suspeitar que o casal não concluiria o negócio, mas quando o casal judeu prova o contrário, Dickens declara “não se recordar de negócios anteriores que tenham se provado tão satisfatórios, atenciosos e confiáveis” (tradução nossa), quanto esse. Três anos mais tarde, Eliza Davis escreve uma carta ao autor, na qual expressa não apenas o seu descontentamento com o retrato do judeu Fagin, mas o de judeus ingleses. Davis afirma que Dickens havia cometido “uma grande injustiça” através do criminoso “ganancioso”, “ladrão”, “corruptor de crianças” e “comedor de salsichas” como o representante de sua “nação dispersada” (tradução nossa). Dickens responde que “Fagin é judeu no livro porque era a infeliz realidade da época à qual a história se refere e que aquela classe de criminosos era comumente judaica”, e inclui que “todo o resto dos personagens malignos eram cristãos”, além de que Fagin era chamado de “judeu” por sua raça, não pela religião (tradução nossa). Eliza Davis então rebate dizendo que a raça e religião judaicas são inseparáveis, e que os personagens cristãos maldosos contrastam com outros personagens cristãos bondosos, mas o mesmo não é verdade para Fagin¹⁶. Todavia, é concebível que se acredite no próprio Dickens nesse aspecto. Fagin não é um judeu kosher¹⁷, um fato que pode ser compreendido como uma estratégia do autor para demonizar ainda mais o personagem, que então seria lido como repugnante o bastante para não honrar os costumes da própria raça (GELBER, 1979; NORD, 2011).

Um ano após a reclamação de Eliza Davis, mesmo surpreendido e negando suas acusações, o autor publica seu último romance, *Nosso amigo comum* (1864), onde apresenta um novo personagem judeu, Riah. O amável Riah é notavelmente o oposto de Fagin, um indício de que Dickens pretendeu reparar os danos causados pelo arquetípico judeu-vilão. Ademais, na edição de 1867 de *Oliver Twist*, Dickens eliminou consideravelmente epíteto ‘o judeu’ por ‘ele’ ou ‘Fagin’ (MEYER, 2005):

Começando com o capítulo XXXIX, ele analisou *Oliver Twist* e eliminou a maior parte de referências a Fagin como ‘o judeu’, cancelando inteiramente o termo, ou substituindo-o por ‘ele’, ou

¹⁶ O outro personagem judeu da narrativa, Barney, é pouco relevante para a trama, mas é descrito como “outro judeu, mais novo que Fagin, mas de aparência quase tão vil e repelente quanto a dele”.

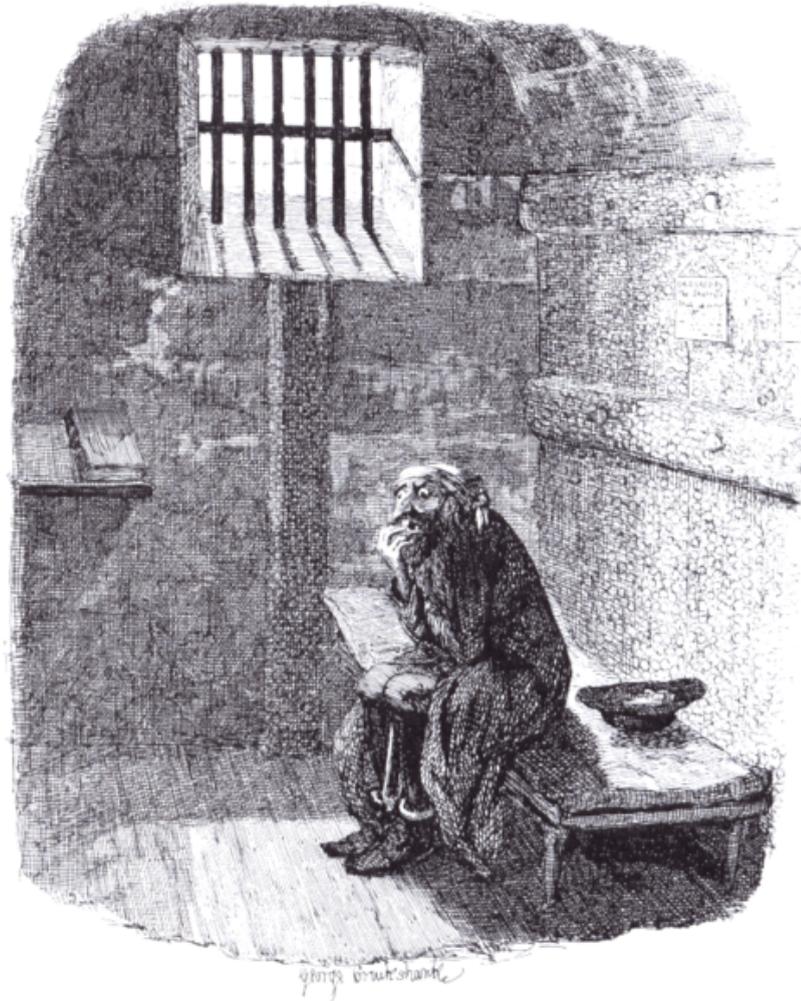
¹⁷ Quando Oliver e o leitor conhecem Fagin, este cozinhava salsinhas, afastando-se do judaísmo kosher (GROSSMAN, 1996).

por 'Fagin'. Por exemplo, no capítulo XXXIX, ele cortou vinte e três referências a Fagin como 'o judeu'; no capítulo XLIV e XLV (um só capítulo na versão original), ele eliminou trinta e uma de trinta e sete referências a 'o judeu'; e no capítulo LII, no qual o próprio título altera de 'A última noite de vida do judeu' para 'A última noite de vida de Fagin', ele eliminou onze alusões a Fagin como 'o judeu', deixando apenas uma só referência como 'o judeu' em todo o capítulo (tradução nossa) (STONE, 1959, apud MEYER, 2005).

No capítulo que marca a última aparição de Fagin, 'A última noite de vida do Sr. Fagin', é evidente o contraste entre a descrição feita por Hawthorne a Prynne no momento de sua condenação e a de Dickens a Fagin aguardando a sua¹⁸. Até mesmo na opinião de Hawthorne, Hugues Merle ilustra perfeitamente a constante aparência sublime de Prynne, mesmo diante de uma Boston sedenta por sua catástrofe. O ilustrador encomendado por Dickens é igualmente hábil ao ilustrar Fagin em seus últimos momentos. No entanto, a figura de Fagin era deplorável, "mais de um animal apanhado na rede do que com a cara de um homem", levando uma criança à beira de um desmaio:

Imagem 3 – *Fagin in the condemned Cell* (1838), de George Cruikshank

¹⁸ A condenação de Fagin não é narrada, mas sim os seus momentos angustiantes esperando por ela numa cela, conforme explicado no subtópico 3.2 desta análise.



Fonte:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cruikshank - Fagin in the condemned Cell \(Oliver Twist\).png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cruikshank_-_Fagin_in_the_condemned_Cell_(Oliver_Twist).png)>. Acesso em: 11 nov 2019.

6 Conclusão

À primeira vista, as obras discutidas parecem inviáveis de se traçar qualquer paralelo devido às suas histórias tão distintas, mas são em pequenas nuances que se manifestam esses paralelos. Numa leitura cuidadosa dos capítulos dedicados às respectivas condenações de Hester e de Fagin e a maneira distinta como foram tratadas nos romances, afirma-se a parcialidade de cada um com cada condenado. Hester, a protagonista retratada por Hawthorne, como de aparência etérea e comedida do início ao fim, mesmo sob a pressão de uma rígida e misógina comunidade puritana a julgá-la; Fagin, o vilão retratado por Dickens, mesmo antes ou depois da condenação, como grotesco, egoísta e covarde, pretendido a ser ainda mais odiável por sua raça judaica. Num romance inteiramente dedicado a isto, o leitor acompanha a jornada de Hester e seus pormenores desde o início. Narra-se suas motivações para cometer o adultério, suas penitências, seus cuidados maternos

com Pearl e até mesmo detalhes, como o local de nascimento de Hester. Com o auxílio do retrato negativo de sua comunidade em contraste com o seu próprio, Hester é arquitetada para cativar a simpatia do leitor. Quanto a Fagin, não se sabe o que pode tê-lo convertido num criminoso “ganancioso”, “ladrão”, “corruptor de crianças” e “comedor de salsichas”, como descrito por Eliza Davis. Há apenas um capítulo inteiramente dedicado a Fagin que talvez pudesse cativar alguma empatia do leitor, mas é nele onde Fagin parece mais grotesco, aterrorizante e decadente do que nunca. Pode-se argumentar que a intenção de Dickens foi integralmente na contramão da de Hawthorne com Hester, para que o leitor o desprezasse como o próprio Dickens o desprezava. São patentes as contribuições biográficas de cada autor nas construções dos anti-heróis, revelando-se como manifestações autobiográficas. Ademais, são contrastantes os tratamentos narrativos recebidos por Hester e Fagin por parte de cada um de seus criadores, intencionados a inspirarem no leitor simpatia e antipatia, respectivamente.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Roland Barthes).
- BAYM, Nina. **Revisiting Hawthorne's Feminism**. In: BELL, Millicent (Edi.). *Hawthorne and the Real: Bicentennial Essays*. Columbus: The Ohio State University Press, 2005. E-book. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=24HXF1jsga4C&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_vpt_buy#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 1 nov. 2019.
- BIOGRAPHY.COM EDITORS. **Anne Hutchinson Biography**. [S.I.] 2014. Disponível em:
<<https://www.biography.com/religious-figure/anne-hutchinson>>. Acesso em: 4 nov 2019.
- BLOOM, Cecil. **Charles Dickens's Anti-Semitism**. [S.I.] 2016. Disponível em:
<<https://jewishcurrents.org/charles-dickens-anti-semitism/>>. Acesso em: 11 nov 2019.
- DEMOS, John. **Underlying Themes in the Witchcraft of Seventeenth-Century New England**. *The American Historical Review*, v. 75, n. 5, 1970, pp. 1311-1326. Disponível em:
<<https://www.jstor.org/stable/1844480>>. Acesso em: 21 set 2019.
- DICKENS, Charles. **As Aventuras de Pickwick**. Tradução de Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Globo, 2004. E-book. Disponível em:
<<http://lelivros.love/book/baixar-livro-as-aventuras-de-pickwick-charles-dickens-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 13 nov 2019.
- DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Introdução de Stephen Gill. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. Tradução de Antônio Ruas. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1973.
- GELBER, Mark. **Teaching 'Literary Anti-Semitism'**: Dickens' 'Oliver Twist' and Freytag's 'Soil Und Haben'. *Comparative Literature Studies*, vol. 16, no. 1, 1979, pp. 1–11. Disponível em:
<www.jstor.org/stable/40245819>. Acesso em: 9 nov 2019.
- GOLD, David L. **Studies in Etymology and Etiology: With Emphasis on Germanic, Jewish, Romance and Slavic Languages**. San Vicente del Raspeig: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2009. E-book. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=l015C5vm1XkC&printsec=frontcover&source=gbs_vpt_buy#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 nov 2019.

GOLLIN, R. K. **Hawthorne, Nathaniel**. American National Biography. [S.I.] 2000. Disponível em: <<https://www.anb.org/view/10.1093/anb/9780198606697.001.0001/anb-9780198606697-e-1600732>>. Acesso em: 4 nov. 2019.

GROSSMAN, Jonathan H. **The Absent Jew in Dickens**: Narrators in ‘Oliver Twist, Our Mutual Friend’, and ‘A Christmas Carol’. *Dickens Studies Annual*, vol. 24, 1996, pp. 37–57. Disponível em: <www.jstor.org/stable/44372455>. Acesso em: 10 nov 2019.

HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlate**. Tradução de Christian Schwartz; posfácio de Nina Baym; notas de Thomas E. Connolly. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo**: postura e método. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, pp. 137-155, dezembro 2007.

LANE, Lauriat. **Dickens' Archetypal Jew**. *PMLA*, vol. 73, no. 1, 1958, pp. 94–100. Disponível em: <www.jstor.org/stable/460278>. Acesso em: 11 nov 2019.

LEVY, Richard S. Dickens, Charles (1812-1870). In: LEVY, Richard S. (Edi.). **Antisemitism: A Historical Encyclopedia of Prejudice and Persecution**, Volume 1. Santa Barbara: ABC-CLIO, Inc., 2005. E-book. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Antisemitism.html?id=Tdn6FFZklkcC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 11 nov 2019.

MEYER, Susan. **Antisemitism and Social Critique in Dickens's ‘Oliver Twist’**. *Victorian Literature and Culture*, vol. 33, no. 1, 2005, pp. 239–252. Disponível em: <www.jstor.org/stable/25058705>. Acesso em: 5 nov 2019.

NORD, Deborah Epstein. **Dickens's ‘Jewish Question’**: Pariah Capitalism and the Way Out. *Victorian Literature and Culture*, vol. 39, no. 1, 2011, pp. 27–45. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41307849>. Acesso em: 10 nov 2019.

RAGUSSIS, M. **The "Secret" of English Anti-Semitism**. *Anglo-Jewish Studies and Victorian Studies*, *Victorian Studies* v. 40, n. 2, 1997, pp. 295-307. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3829205>>. Acesso em: 21 set 2019.

ROBERTS, M. **The Story of England's Jews - The First Thousand Years**. Great Britain: 2007. E-Book. Disponível em: <<http://www.jtrails.org.uk/about/history-of-english-jews>>. Acesso em: 23 set 2019.

WALSH, John. **Dickens' greatest villain**: The faces of Fagin. Independent. [S.I.] 2005. Disponível em:

<<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/features/dickens-greatest-villain-the-faces-of-fagin-317786.html>>. Acesso em: 10 nov 2019.

WESTERKAMP, Marilyn J. **Puritan Patriarchy and the Problem of Revelation**. *The Journal of Interdisciplinary History*, v. 23, n. 3, 1993, pp. 571–595. Disponível em: <www.jstor.org/stable/206103>. Acesso em: 20 set 2019.